

Screening War

Issue 3 – 2014 | [www.diffractions.net](http://www.diffractions.net)



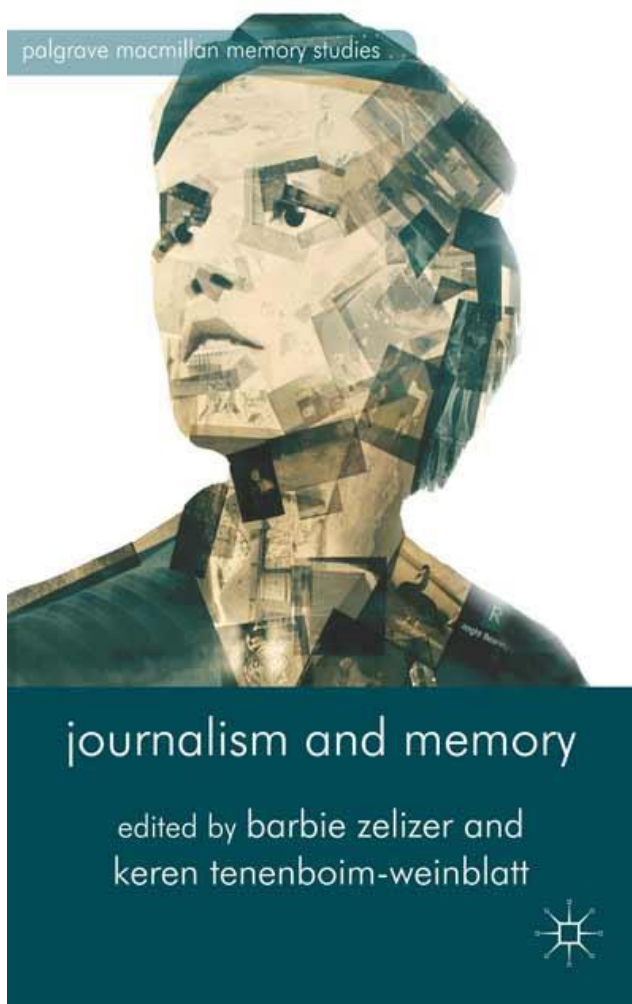
## BOOK REVIEW

### *Journalism and Memory*

***Barbie Zelizer & Keren  
Tenenboim-Weinblatt (eds.)***

**Clara Caldeira**

Catholic University of Portugal  
– Research Centre for  
Communication and Culture



***Journalism and Memory.* Barbie  
Zelizer & Keren Tenenboim-  
Weinblatt (eds.). London: Palgrave  
Macmillan, 2014.**

Como é construída a memória coletiva e de que forma o discurso jornalístico participa nessa construção? Que transformações interpelam estes dois campos, num tempo global e digital?

*Journalism and Memory* procura compreender como estes dois termos estão ligados, partindo da constatação de que os respetivos campos académicos revelam dificuldade na articulação de um diálogo urgente e necessário. “Though the very surfacing of collective memory depends often on a wide range of institutional engagements, more so today than perhaps ever before, the neglect surrounding journalism’s role in the establishment and legitimation of shared memory leaves a curious hole in our understanding of memory trappings” (Zelizer e Tenenboim-Weinblatt, 2014: 2), afirmam as organizadoras, no prefácio. Entender de que forma o jornalismo mantém vivo o passado, nas palavras de Barbie Zelizer, ex-jornalista que se distingue como investigadora precisamente nesta interseção, é, pois, o desafio que o livro pretende enfrentar, podendo dizer-se que cumpre, em si, a pedagogia do exemplo, ao juntar nestas páginas académicos de ambas as áreas, em quinze capítulos/artigos.

Dividido “heurísticamente” entre *Trajectories* (aspetos temporais da memória) e *Domains* (aspetos espaciais), estas duas secções constituem uma epistemologia articulada em torno da relação que dá título ao volume, como explicitado no texto introdutório: “*Journalism and Memory* reflects the logic of these two aspects of memory’s unfolding. It first traces the trajectories of memory by which journalism has figured in uneven ways and then addresses a select set of domains of memory, by which mnemonic work takes a particular shape within journalism” (ibid.: 4). Na primeira parte destaca-se o artigo de Barbie Zelizer, “Memory as Foreground, Journalism as Background”, em que defende que o trabalho de memória no Ocidente, desde a Era Clássica, recorreu a procedimentos que, embora nem sempre configurassem, do ponto de vista histórico, práticas jornalísticas, eram precisamente dessa natureza, o que acentua a impertinência da desatenção dos Estudos de Memória ao Jornalismo: “In each case, remembering depended on some form of mediation, where across the board media of recall were expected to facilitate three activities — recording, storage and retrieval” (ibid.:34). Estas três palavras evidenciam a proximidade entre os campos, que se acentua a partir da invenção da imprensa, em que a memória passa a relacionar-se com a visualidade e a materialidade. Na Modernidade, o jornalismo integra os valores positivistas da imparcialidade, equilíbrio e razão, opostos à ideia vigente de memória, como individual, emocional, fluida e incerta. “Where memory failed, journalism prevailed” (ibid.: 38-39). Na passagem do século XIX para o XX, quando a memória

começa a ser perspectivada na sua dimensão coletiva, uma partilha do passado iminentemente presente, criam-se as condições para o reconhecimento de um laço que ainda hoje não está totalmente consagrado, apesar da importância atribuída por Halbwachs, “pai” dos Estudos de Memória, à narratividade, claramente presente na atividade jornalística. E na contemporaneidade, desde os anos 80, o jornalismo é a instância que trabalha precisamente os objetos dos Estudos de Memória: testemunho, trauma, guerra, luto, tornando-o portanto incontornável.

Aspetos sublinhados também no artigo de Jeffrey K. Olick, um estudioso da memória, que destaca o lado comemorativo e evocativo da atividade jornalística, tanto de eventos políticos e sociais como da própria profissão, o recurso permanente à memória para aplicação dos valores-notícia, e a natureza arquivista desta atividade, um recurso essencial da historiografia, por exemplo. Embora reconheça a carência de mais trabalhos que relacionem jornalismo e memória, Olick não partilha totalmente da ideia de que os Estudos de Memória ignorem o jornalismo, referindo a influência da obra seminal, *Imagined Communities*, de Benedict Anderson, de 1983, onde se associa o nacionalismo à emergência da imprensa escrita, obra, aliás, referida várias vezes ao longo dos capítulos de *Journalism and Memory*. Mas Olick aponta algumas razões para um afastamento das áreas e destacamos aqui as questões epistemológicas, comuns aos dois campos, ambos recentes e com alguma fragilidade enquanto disciplinas, em luta pelo seu reconhecimento académico, e por isso com dificuldade de associação mútua. No entanto, as mudanças que afetam tanto o campo da memória como o do jornalismo, o primeiro numa fase pós-colonial, que o autor define como desterritorializada e mais global (sendo o Holocausto a primeira matéria de memória transnacional), e o segundo, igualmente sujeito a uma maior fluidez e hibridismo, deverão aproximá-las.

É das transformações destes campos que se ocupam os dois artigos que encerram a primeira parte do livro: Ingrid Volkmer e Carolyne Lee analisam o impacto da globalização na construção de memórias em eventos de visibilidade mediática internacional, a partir de um estudo da receção do 11 de setembro por estudantes de diversos países, demonstrando a necessidade de um jornalismo que ultrapasse as lógicas discursivas da nação, com contornos transnacionais. Jill A. Eddy, por sua vez, problematiza a questão do mundo “pós-televisivo”, e as implicações desta transformação comunicacional na forma como se recorda, nomeadamente em termos de exposição mediática seletiva e valores coletivamente partilhados. A possibilidade de criação de “memory silos”, cápsulas de memória, por exposição seletiva a informação digital e em rede, de acordo com comunidades de interesse, facilita a construção de memória de grupos minoritários, o que constitui uma vantagem, mas, por outro lado, pode dificultar a sobrevivência de uma memória verdadeiramente comum. Estes aspetos, relativos à

fragmentação do universo digital, serão retomados noutros artigos que compõem a segunda parte do livro, relativa à secção *Domains*, onde se analisam as relações próximas entre jornalismo e memória, em termos de memória narrativa e a memória visual.

A abrir essa secção, Michael Schudson aborda o aspeto reverso do perfil evocativo da atividade jornalística, defendendo que esta é também uma forma de construção da memória, evidenciando o peso do passado nos valores-notícia de modo não celebratório. E são três os processos: o enaltecimento de um acontecimento novo, surpreendente e positivo por oposição ao passado (“look at me!”, *ibid*: 88), por exemplo uma descoberta científica, evidência de uma nova mentalidade, primeiras eleições livres, legislação inédita, etc.; a mobilização de eventos anteriores para explicar o presente (“let me explain!”, *ibid*: 90), ou seja, contextualização no sentido de valorizar e sustentar o primeiro aspeto referido; e, por fim, o retrato de factos ou ações humanas dramáticas e trágicas, contrapostos a uma expectativa de normalidade, dada pela memória coletiva, como por exemplo a morte precoce de um investigador brilhante ou de uma celebridade. Destas três formas, defende o autor, “journalism makes itself a vehicle or agent of cultural memory without the intention of commemorating” (*ibid*: 95)

O tempo é um elemento central da atividade jornalística — é este o pressuposto de que parte Keren Tenenboim-Weinblatt, que aborda este *recurso*, do ponto de vista dramático, para o *storytelling*, e enquanto material de ‘preenchimento’ em situações de protagonista ausente, recorrendo ao exemplo de histórias de raptos, em que a contagem dos dias, meses, anos se torna o centro da notícia e aquilo que permite gerar acontecimento sem ação. Este procedimento tem uma dimensão representacional, ritual e política, relacionada com a construção de memória sobre eventos fundamentais para uma sociedade e definidores dos parâmetros do seu funcionamento: “Viewed from this perspective, counting practices exhibit at least three different journalist acts in relation to collective time: conveying facts about temporal dimensions of reality, organizing and ritualizing collective time, and reminding the public decision makers that the time has come to resolve the issue” (*ibid*.: 103). A construção da espera coletiva, nestes termos, implica a construção de uma “memória prospetiva”, moldando em termos políticos a ação face à memorialização de um problema por resolver. De certa forma, equaciona-se aqui o papel do jornalismo para a memória coletiva, numa interseção entre passado e futuro que faz do momento presente o epicentro, questão igualmente sublinhada por Motti Neiger, Eyal Zanberg e Oren Meyers no artigo “Reversed Memory: Commemorating the Past Through the Coverage of the Present”. Neste, apresenta-se uma tese interessante, que contrapõe o lugar comum que serve frequentemente de álibi para o afastamento entre as duas disciplinas, a ideia de que o jornalismo prioriza apenas o presente. Embora essa ideia não abarque nem a complexidade nem a abrangência do

discurso jornalístico, os autores demonstram como a cobertura do presente pode ser uma construção ativa de memória coletiva. E dão exemplos: em relação a Israel, as comemorações oficiais de datas nacionais invocam a superação coletiva do Holocausto, tal como as narrativas pessoalistas de sobreviventes de qualquer tragédia sublinham um contraste entre o presente vitorioso e as dificuldades de um passado que, assim, é relembrado e evidenciado, ou seja, mantido vivo.

No campo da memória visual, a contribuição de Robert Hariman e John Louis para *Journalism and Memory* é particularmente original, numa análise de imagens parciais do corpo, frequentes no fotojornalismo, em representações de protestos ou de catástrofes humanitárias. Como afirmam os autores, se o jornalismo é um “primeiro rascunho da História”, aquele produzido pelo discurso fotográfico não é maleável: uma fotografia é, em si, definitiva, não se “reescreve” e tem um enorme valor de arquivo dos momentos coletivamente partilhados. Nas imagens fragmentárias, de pés e mãos, por exemplo, o que se evidencia é a simbologia do gesto e uma figuração do corpo político que, afirmam os autores: “provides a moment of embodied cognition powerfully suited to both public communication and collective memory” (ibid.: 137). Este texto problematiza, pois, como o corpo político fragmentado, metonímico e metafórico destas imagens constrói um discurso de memória nas sociedades democráticas ocidentais, “an image of a *pluribus* without a *unum*” (ibid.:143)

Outra forma de produção de registo visual, o vídeo, é abordada por Kari Andén-Papapoulos, que coloca as questões levantadas no início do livro sobre a comunicação global e digital, e as transformações do mundo jornalístico, pela disseminação, praticamente universal, da produção de vídeos amadores, que ganham relevância na arena da disputa das memórias que se querem estabelecer como coletivas, centrando-se na análise do assassinato de Agha Soltan, nas manifestações do Irão, em 2009. Questões como legitimidade, compromisso, veracidade, privacidade, democratização do discurso público e renovação dos critérios jornalísticos sobre os acontecimentos politicamente relevantes, sobretudo em situações de crise e conflito, são abordados em “Journalism, Memory and the ‘Crowd-Source Video Revolution’”. Analisando as características estéticas desta “cobertura” dos vídeos amadores — hipermobilidade, opacidade, não-narratividade e som cru, e as características éticas — subjetividade, afetividade e parcialidade — a autora problematiza o impacto deste fenómeno no jornalismo tradicional: “Professional journalists might have to accept more willingly a ‘critical objectivity and reflexive impartiality’ (Fenton and Witsche, 2011: 160) that plays down objective reporting in favour of an increased awareness of subjectivity as a category of value in journalism reporting and remembering” (ibid: 161).

Globalização e digitalização são também dois termos recorrentes ao longo do livro, tratados com particular detalhe em “Non-Memory, the War on Terror and the Shooting of Osama Bin Laden”, de Anna Reading, que discute, a partir de autores tão fundamentais como Giorgio Agamben e Pierre Bourdieu, a paradoxal situação da produção de uma “não-memória”, no sentido em que não foi permitida a divulgação de imagens do corpo do líder da AlQaeda, depois da emboscada que resultou na sua morte, em 2011. Este acontecimento, e as limitações governamentalmente determinadas, privaram o discurso jornalístico do testemunho direto, numa era marcada pelas transformações da circulação da informação. Discutindo as possibilidades de negociação sobre um determinado acontecimento, Anna Reading aborda o conceito de “global memory field” (memória na era da globalização e da digitalização) e as suas dinâmicas, como a velocidade e o transmediatismo. Na situação em análise, verifica-se que os jornalistas convocaram arquivos passados das mais variadas origens, inclusive não jornalísticas, para lidar com a estratégia política do não-registo da morte, e produzindo uma semiótica elaborada sobre a imagem autorizada, conhecida como “The Situation Room”. O recurso a uma diversidade de arquivos pouco usuais e a pluralidade de interpretações da imagem da Casa Branca reflete a batalha de sentido sobre uma “não memória”, afetando a perceção futura deste acontecimento.

A questão da representação da morte é abordada ainda noutra capítulo, sobre os cenários de guerra como ponto nevrálgico de interseção entre os media tradicionais e o fluxo digital em “A New Memory of War”, por Andrew Hoskins: “Modern warfare is shaped by two different kinds of mediated memory. The first concerns the continuity of the past through its constant referencing and rereferencing in a journalistic déjà vu. The second offers memory as unfinished, unsettled and mobile” (ibid.: 182). Recorrendo ao conceito de Geoffrey Bowker, “databasing of the world”, e referindo-se ao “connective turn” para designar as novidades tecnológicas que permitem a disseminação de informação fora das estruturas mediáticas, Hoskins levanta a questão de até que ponto as novas tecnologias visuais alteram as narrativas de guerra. Entre o paradigma jornalístico tradicional —que tende a ser uniforme (o autor aponta vários casos em que mais de metade das imagens divulgadas são idênticas) e que recorre persistentemente a narrativas passadas, comparando conflitos — e a representação plural, vívida, próxima, mas também incapaz de capturar algumas das maiores ameaças de guerra, como os drones, por exemplo, o autor sugere que se dá uma coexistência: “So, just as the tightly-bound journalistic information is disembedded (by the so-called ‘amateur’ and via digital technologies and media), the mediality of memory is in turn appropriated and reembedded into a mainstream accounting of war” (ibid: 189).

Finalmente, o livro apresenta algumas reflexões críticas sobre a relação entre memória e jornalismo a nível institucional, no contexto americano, desde logo com dois artigos dedicados aos mecanismos de recordação do passado como forma de discurso sobre o futuro da profissão jornalística. Em “The late news: Memory work as boundary work in the commemoration of television journalists”, Matt Carlson e Daniel A. Berkowitz analisam as celebrações memorialistas em torno de grandes figuras televisivas falecidas, como Walter Cronkite, Edward R. Murrow, entre outros, ou programas históricos que tiveram ampla audiência, como forma de reforço da identidade profissional, sendo a memória um instrumento de reiteração de um prestígio social e relevância cultural do jornalismo. Carolyn Kitsch, por seu turno, traça em “Historical Authority and the ‘Potent Journalistic Reputation’: A Longer View of Legacy-Making in American News Media” uma evolução dos meios de comunicação tradicionais, ligados à reportagem dos grandes acontecimentos nacionais e internacionais, e à recuperação desse “património”, através das efemérides, consideradas por alguns teóricos um género, tornando o jornalismo a grande testemunha da História, e cooptando a importância dos acontecimentos históricos para o seu próprio prestígio e manutenção: “In today’s climate, proud references to yesterday are often really about tomorrow, a prescriptive future into which certain kind of reporting should endure» (ibid: 228). Outro capítulo ainda, da autoria de Barry Schwartz, analisa a capacidade da imprensa de agenciar perspectivas sobre os acontecimentos, conforme os tempos históricos, tomando como caso a diferente valorização do discurso do Presidente Lincoln no cemitério de Gettysburg depois de uma das mais severas batalhas da guerra que separava o norte e o sul do país, num intervalo de cem anos. Este acontecimento ganha destaque e grandeza através da seleção, alinhamento, identificação, entre outros mecanismos, dos aspetos do discurso que dizem respeito à igualdade racial e à unificação americana, por exemplo, na época da luta pelos direitos civis ou aquando do assassinato do Presidente Kennedy. É de uma função decisiva do jornalismo, o enquadramento, que trata o artigo de Susana Kaiser dedicado à cobertura dos julgamentos de responsáveis da ditadura militar argentina, na atualidade, visando apurar responsabilidades sobre torturas, assassinatos, desaparecimentos e rapto de menores que afetaram dezenas de milhares de pessoas e famílias., Convocando testemunhos até então desconhecidos do grande público, estes julgamentos reavivam, com nova informação, um tempo traumático na História da Argentina e, defende a autora, constituem arenas sobre a memória deste passado.. Susana Kaiser analisa a cobertura na imprensa *mainstream* e em publicações especializadas nas questões dos direitos humanos, salvaguardando que grande parte dos órgãos de comunicação do primeiro grupo existiam no tempo da ditadura, enquanto os segundos surgem depois. Enquanto os media tradicionais optaram por uma reprodução

sem análise ou, no caso do *La Nation* (um jornal associado à ala conservadora), pela “teoria dos dois demónios” segundo a qual a repressão do estado era uma resposta à violência de guerrilha, a imprensa *engagé* mostrou-se mais diversificada na abordagem, mas igualmente comprometida com as vítimas e muito mais expressiva, em termos puramente quantitativos, posição assumida pelos editores, que dão testemunho de objetividade mas não de imparcialidade à autora deste estudo. O que o jornalismo regista, de que forma, com que efetividade para a memória das futuras gerações, é a questão dada ainda como em aberto, num processo, jurídico e cultural, que não está terminado.

*Journalism and Memory* é pois, um volume amplo e diverso que constitui, na riqueza de categorias apresentadas para pensar a relação entre jornalismo e memória, um contributo essencial para o estabelecimento de pontes entre dois campos académicos que muito beneficiarão de futuras e mais regulares articulações.